



Platão
O BANQUETE

TRADUÇÃO, ENSAIO
INTRODUTÓRIO E NOTAS

Maria Mafalda Viana

PREFÁCIO

José Pacheco Pereira

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X I X

ÍNDICE

Prefácio — <i>José Pacheco Pereira</i>	7
Ensaio Introdutório: Sobre o amor a partir do <i>Banquete</i> de Platão — <i>Maria Mafalda Viana</i>	II
<i>O Banquete</i>	69
Notas	155
Agradecimentos	195

© 2019, Edições tinta-da-china

Edições tinta-da-china
Rua Francisco Ferrer, n.º 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Banquete*
Autor: Platão
Tradução, ensaio introdutório e notas: Maria Mafalda Viana
Prefácio: José Pacheco Pereira
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Agosto de 2019

ISBN 978-989-671-499-4
DEPÓSITO LEGAL n.º 458233/19

UM PLATÃO DIFERENTE: Primeiro estranha-se e depois entranha-se

JOSÉ PACHECO PEREIRA

Se pudesse haver uma cidade ou um exército de amantes e amados, não haveria melhor administração da vida do que esta (...) eles venceriam, mesmo sendo poucos, todos os homens.

Como bom estudante de filosofia, li o *Banquete* de Platão. Li-o em francês, numa tradução do grego, o que já é uma primeira distanciação. Havia outras. A Grécia interessava-me e muito, e, com catorze ou quinze anos, resolvi fazer uma genealogia dos deuses e personagens mitológicas, entre a *Teogonia* de Hesíodo e a enciclopédia Larousse, na sua primeira edição, numa estante própria, que era, e é, uma das jóias da biblioteca familiar. Os grossos volumes ainda estão cheios de marcas de papel nos nomes das ninfas e dos sátiros, mas rapidamente percebi a enorme confusão genealógica e desisti. Mas a genealogia, uma espécie de história menor, Ulisses e os pré-socráticos, por esta ordem, eram o que me interessava. Platão não fazia parte desta lista, e Aristóteles muito menos. O primeiro tinha uma fama dúbia, para o marxista *in-the-making* que eu era, e o segundo tinha mesmo má fama, por

ENSAIO INTRODUTÓRIO

Sobre o amor a partir do *Banquete* de Platão

MARIA MAFALDA VIANA

O *Banquete* de Platão é uma obra literária de filosofia que, no século IV a.C., é a primeira de um conjunto de outras onde se pensa e discute em torno da mesa. Neste caso, a de um banquete entre amigos. E compreende-se o banquete, pois estes convivas pertencem à aristocracia ateniense, pelo que não se esperaria que se encontrassem para uma refeição frugal, como, posteriormente, no século I d.C., Jesus, quando, ante o pasmo de todos quantos ali haviam ocorrido, multiplica o pão e os peixes. Há, de facto, uma cesura entre a cultura greco-latina e a tradição judaico-cristã em certos aspectos fundadores de ambas que, todavia, haviam de dar origem a uma muito peculiar fusão progressiva e paulatina, ao longo de séculos, sem a qual não saberíamos porventura o que é a Europa. Neste ponto, o tema do amor é um daqueles mediante os quais essa fusão é muito visível e de forma muito significativa.

Esta obra de Platão terá sido composta cerca do ano 384 a.C.¹, e alude a um acontecimento de 416 a.C.: a comemoração de uma vitória de Ágaton, o anfitrião deste jantar, num concurso de tragédia nas festas Leneias. Em tempo próximo

desta foi composta uma outra obra, situada normalmente por volta de 380 a.C.², com o mesmo nome *Banquete*, da autoria de Xenofonte³, que narra um banquete imaginário⁴, dado por Cálicles, um rico ateniense, por ocasião de uma vitória na corrida de cavalos nas festas Panateneias⁵ de 421 a.C. Não sendo esta obra de pendor filosófico, todavia o seu ambiente é semelhante e até alguns dos seus convivas são os mesmos do diálogo platónico. Sócrates⁶, que neste e nos outros diálogos platónicos, assume um papel de protagonista, é também a figura central⁷ na obra homónima de Xenofonte.

O de Platão é um banquete cidadão, em cujo ambiente é bem visível a marca da organização social da πόλις (*polis*), onde o tempo e o espaço dados ao cuidado do espírito são já muito sofisticados. Não foi sempre assim. Em todo o caso, o poeta Homero será por certo ainda um seu parente mais remoto. Não me refiro a uma influência directa relativamente a este tópico específico, nem tão pouco pretendo traçar aqui uma evolução, o que não caberia neste contexto. Ao apontar para a diferença homérica, pretendo apenas dizer que há um labor dos séculos, de uma mesma língua e cultura, que decorre até Platão, vindo desde o longínquo poeta cego, aliás bem conhecido dos convivas, que o citam várias vezes ou a ele aludem nos respectivos elogios do deus Eros. Num diálogo onde Homero é tantas vezes referido ou citado, mesmo logo no início, Sócrates, quando fala a Aristodemo do jantar em casa de Ágaton, para o qual se está a arranjar, refere-se precisamente a um provérbio interpelado por Homero sobre uma tradição segundo a qual a casa de um homem de bem vai, de *motu proprio*, o homem probo, mesmo

sem ser convidado (174 b). Homero, segundo Platão, teria invertido este sentido (174 b — c) e Aristodemo, entretanto, como ele mesmo observa (174 c), arrisca-se então a ser como Homero, um inferior a ir a casa de um homem sábio. Mas, na verdade, Platão é que altera o sentido do texto homérico, situação de que este passo do *Banquete* não é o único exemplo na sua obra. De facto, Homero é muito frequentemente visado pelo filósofo, e não apenas no *Banquete*, de tal modo que, dir-se-ia, a todo o momento parece medir-se com ele. Desejaria mesmo eliminá-lo da cidade que projecta na *República*, por não se ajustar à sua filosofia, bem como os outros poetas em geral, mas Homero é muito grande, o primeiro desses *strong poets*, nas leituras de Bloom, protagonistas de uma história poética que vão fazendo por um processo de *misreading* entre si⁸. E, não obstante, a meu ver, Platão estaria bem ciente da estatura inapagável de Homero⁹. Aliás, a citação inicial não será feita a título de casualidade, uma vez que a questão se levanta no fim, com a vinda a desoras de Alcibíades sem que se chegue a perceber se teria ou não sido convidado¹⁰, mas cuja intervenção neste jantar é, a meu ver, muito significativa no conjunto do texto.

O ambiente homérico não é de facto o cidadão, mas é já visível nas duas epopeias que há um lugar reservado na organização da vida em sociedade para o cuidado do espírito. E aqui o banquete, algo diverso, tanto pode ser, em contexto de guerra, o sacrifício de um boi que dá ensejo a todo um ritual e cuidado minuciosos — no desmanchar do animal, no trincar e repartir as carnes, na separação entre aquilo que cabe aos deuses (gorduras e ossos) e aquilo que é reservado

aos mortais (as carnes)¹¹ —, como pode ser, em tempo de paz, a recepção hospitaleira, no palácio de um soberano, a algum estrangeiro que chega. No primeiro caso, o *sacrifício* em que se faz a distribuição das diferentes partes do animal pode ser seguido do combate ou suceder aos funerais de Pátroclo e respectivos jogos, no caso, um jantar que não chega a decorrer... São jogos como a luta, a corrida, o dardo ou as corridas de cavalos, num ambiente que mostra estes guerreiros como jovens (κοῦροι: *kouroi*) aristocratas, finamente educados, a cuja ἀρετή (*aretê*) importam, simultaneamente, os seus feitos guerreiros ou outras acções, e uma palavra e pensamento educados, de tal modo que daí decorre um certo número de normas que determinam um comportamento aceite como decoroso¹² entre esses ἄριστοι (*áristoi*), os melhores. O gosto pelo desporto manter-se-á, sendo notório, até mesmo pelos diálogos de Platão, como o cuidado do corpo acompanha o do espírito. Há, porém, exceptuando o caso de Esparta, um desenvolvimento assinalável na educação do espírito, que aliás torna compreensível o elevado grau de sofisticação na poesia, na filosofia e também nas artes, entre os Gregos. No segundo caso, podemos ver, por exemplo, como Ulisses chegara náufrago ao país dos Feaces, onde é recebido como hóspede na corte do rei Alcínoo, e precisamente com um banquete (também ele seguido de jogos) que o sacia de comida e bebida, boas carnes e vinho ardente, a que não falta o *convívio*. E também ali é visível a preocupação com o *alimento* que se dirige ao espírito, com o canto do aedo¹³. Em ambos os casos, é notório que se trata de uma sociedade onde há lugar para o cuidado do espírito, mesmo se sem a

sofisticação cidadina notória no diálogo platónico, que testemunha bem como, entre os séculos V-IV a.C., o espaço e o tempo do banquete é também o contexto em que tem lugar a educação, entre a aristocracia.

Muitos séculos volvidos após Homero e já depois de Platão — curiosamente, um contemporâneo dos livros gregos de culinária mais antigos que nos chegam, dos séculos V e IV a.C.¹⁴ —, há ainda um interessante jantar, também ele em associação ao saber. Ateneu, um colecionador de anedotas e citações, que viveu entre os séculos II e III d.C., imagina o cenário de um banquete entre várias personalidades (reais e fictícias) que conversam animadamente sobre temas tão variados como poesia, música, culinária, vinhos, pederastia e muitos outros. Na verdade, esta obra acaba por ter um pendor mais enciclopédico do que literário, mas é muito significativo que Ateneu, um frequentador da Biblioteca de Alexandria, imagine um diálogo entre os convivas de um banquete (29 sábios!)¹⁵, para pôr a funcionar uma imensa quantidade de informação e citações que, em tempos mais modernos, pode ser para nós um rico tesouro de informações relativas à Antiguidade. O nome desta obra é *Deipnosophistas*¹⁶, e é muito sintomático, pois aponta de imediato para uma relação entre homens dados ao saber e o jantar. É porventura mais comum este título aparecer traduzido como «o jantar (ou banquete) dos sábios», mas nem sempre esta tradução é consensual. A meu ver, atendendo à sua morfologia, esta palavra pode significar «os sábios em quanto diz respeito ao jantar» ou «os sábios ao jantar». Com esta mesma percepção do substantivo, Carmen Soares propõe,

O BANQUETE

Julgo estar bem à vontade sobre o que quereis saber. Ainda anteontem, casualmente, vinha eu de casa, em Falero, e subia para a cidade, quando um conhecido, ao ver-me por trás, me chamou de longe, gracejando, a interpelar-me:

— «Ó Falério» — dizia — «Apolodoro!, então não esperas por mim?»

Eu pus-me ali à espera, e ele então:

— «Ó Apolodoro» — tornava ele —, «realmente ainda há pouco estava à tua procura, pois queria saber sobre a reunião de Ágaton, Sócrates, de Alcibíades e dos outros que então estiveram no banquete, e que discursos houve sobre o amor, pois outra pessoa me contou, alguém que o ouvira a Fénix, filho de Filipe, e dizia que tu também sabias deles, só que ele não tinha a certeza de nada para me dizer. Pois bem, conta-me lá, tu és o mais indicado para expor as palavras do teu companheiro. Mas primeiro diz-me» — ele ainda —, «estiveste tu mesmo nessa reunião ou não?»

E disse-lhe eu:

172 c

— «Parece que o teu narrador não te contou as coisas nada bem, se supões que essa reunião sobre a qual me estás a fazer perguntas foi há tão pouco tempo que eu pudesse ter estado lá.»

— «Mas era o que eu pensava» — disse ele.

173 a

— «Mas com base em quê, Gláucón?» — perguntei-lhe eu. «Então não sabes que Ágaton já não mora cá¹ há muitos anos, que, desde então, eu passo o meu tempo com Sócrates e no dia-a-dia me aplico para compreender o que ele diz e faz? Isto, ainda não há três anos. Dantes andava ao acaso, cuidando que fazia alguma coisa e era tão miserável como não há ninguém; não menos do que tu agora, pois cuidas que toda a actividade é mais importante do que filosofar.»

— «Não troces» — logo ele —, «e diz-me mas é quando teve lugar essa reunião.»

E eu:

— «Éramos nós crianças, no ano em que Ágaton venceu na primeira tragédia², no dia a seguir àquele em que ele mesmo e os coreutas celebraram entoando epinícios.»³

— «Então parece que foi mesmo há muito» — retorquiu. «Mas alguém te contou? Ou foi o próprio Sócrates?»

173 b

— «Ah, não, por Zeus» — respondi —, «foi quem o contou a Fénix, certo Aristodemo de Citadeneia, um homem pequenito que anda sempre descalço; ele esteve presente na reunião, era um apaixonado⁴ de Sócrates e julgo que, nessa altura, o mais de todos. Mas também não deixei de perguntar já algumas vezes a Sócrates sobre o que eu ouvira àquele e o que ele me disse está de acordo com o que me contara.

— «Pois bem» — disse —, «então porque não me contas? Com toda a certeza o caminho para a cidade é tão apropriado para ser percorrido como para falar e ouvir.»

E então fomos andando, assim na companhia um do outro, e falámos muito sobre isto mesmo, de modo que, como eu dizia ao começar, nem estou imprevisto. Se realmente vos importa que eu conte, tenho mesmo de fazê-lo. Por mim, quando posso eu próprio dizer algumas palavras sobre filosofia, ou até mesmo se as ouço a outros, ao contrário do que se pensa, muito me alegra ter de o fazer. Já em relação a algumas outras conversas — essas vossas de homens ricos e de negócios — eu com isso sinto-me incomodado e até tenho pena de vós, pois pensais estar a fazer alguma coisa com préstimo mesmo não fazendo nada de importante. Do mesmo modo, também podeis vós pensar que eu sou possuído de um mau espírito, e creio até que achais acertadamente, já eu a vosso respeito não o acho apenas, mas sei-o bem.

173 c

173 d

COMPANHEIRO

És sempre o mesmo, Apolodoro, sempre a depreciar-te a ti mesmo e aos outros. Estou até convencido de que tu pensas que, à excepção de Sócrates, são todos uns miseráveis, e a começar por ti próprio. De onde recebeste esse sobrenome — chamarem-te brando⁵ —, eu cá não sei, pois nas palavras és sempre assim, agreste para contigo mesmo e para com os outros, excepto Sócrates.

Ó caríssimo amigo, o que transparece, pensando eu assim a meu e a vosso respeito, é que eu deliro e perco o senso?

COMPANHEIRO

Agora não é importante discutir sobre isso, Apolodoro; o que quero de ti é que me contes que discursos foram, e que não te desvies por outros caminhos.

APOLODORO

174 a Então foram estes, assim... ou melhor vou também eu tentar contar-vos desde o princípio, como aquele me contou.

Pois então, ele disse-me que encontrou Sócrates por acaso — tinha ele acabado de tomar banho e calçava umas sandálias elegantes, o que muito raramente faz⁶ —, e que lhe perguntou onde ia assim tão bonito.

— «A um jantar em casa de Ágaton» — respondeu —, «pois ontem escapei às celebrações com epinícios, receoso da multidão; mas concordei em comparecer hoje, por isso me estive a arranjar, para ir belo a casa de um homem belo.

174 b Mas e tu?» — perguntou. «Como te sentes? Tens disposição para ir a um jantar sem seres convidado?»

— «Eu por mim» — replicou — «farei como tu mandares.»

— «Então segue-me» — prosseguia —, «para destruímos o provérbio, virando-o ao contrário, dizendo também que ao festim de Ágaton vão os probos de *motu proprio*⁷. E assim Homero até é possível que, não só o tenha destruído, como até tenha zombado deste provérbio. De facto, tendo composto diversamente Agamémnon, como um homem probo em relação às questões da guerra, e Menelau como um «guerreiro fraco»⁸, pôs Menelau a ir, sem ser convidado, ao jantar de Agamémnon (assim, hospitaleiro), quando fazia um sacrifício — portanto, alguém inferior a ir a casa de um melhor.»⁹

E tendo-o ouvido, replicou Aristodemo:

— «Também eu me arrisco a não ser como tu dizes, Sócrates, mas, segundo Homero, sou talvez um inferior a ir ao jantar de um homem sábio. Vê então o que podes fazer que me defenda, pois eu não me vou defender de vir sem ser convidado. Digo mas é que fui convidado por ti.»

— «Indo os dois a caminho, em companhia um do outro¹⁰, decidiremos entretanto o que dizer» — atalhou. «Mas anda, vamos.»

Tendo trocado estas palavras, puseram-se a caminho. Sócrates, entretanto, enquanto caminhavam, ficou embrenhado no seu espírito e, vendo que o outro o esperava, disse-lhe que fosse andando à frente. Quando este chegou a casa de Ágaton, apercebeu-se de que a porta estava aberta e — segundo diz — aconteceu-lhe qualquer coisa com uma certa graça. Veio imediatamente ao seu encontro um jovem criado¹¹ dos de dentro para o levar onde estavam reclinados os outros, e foi dar com eles já prestes a começar a jantar.

Ágaton, quando o viu, falou-lhe logo:

— «Oh, Aristodemo, vens mesmo bem a tempo de jantares connosco! Se porventura vens por outra razão, deixa para depois. Ainda ontem te procurei para te convidar, mas não te vi. Mas, então, e Sócrates, porque é que não o trazes contigo, para junto de nós?»

E eu virei-me — prosseguia ele — mas não vi nem rasto de Sócrates atrás de mim:

— «Eu realmente vinha com Sócrates... até fui convidado por ele para o jantar.»

— «E fizeste muito bem. Mas onde é que ele está?»

175 a — «Ainda agora há pouco vinha comigo, mas espantame... onde estará ele?»

— «Então, rapaz? Vê se me trazes aqui Sócrates, e tu, Aristodemo, reclina-te junto de Erixímaco.»

Veio então um rapaz lavar-lhe os pés¹² e um outro chegou a anunciar que Sócrates se tinha retirado à entrada da casa do vizinho.

— «É estranho o que dizes» — prosseguia —, «mas, e não o chamas? Deixa-lo ir?»

175 b — «Mas não, não» — dizia Aristodemo —, «deixem-no. É que ele tem este hábito, por vezes afasta-se, onde calha, e estaca, paralisado. Acho que, não tarda nada, há-de chegar. Por isso, não o perturbem. Deixem-no.»

— «Convém então procedermos assim, se é como te parece melhor» — dizia Ágaton. «E agora nós, vamos rapazes, trazei o jantar, ponde de tudo sobre a mesa, quanto quiserdes, pois não tendes aí junto a vós quem vos vigie — e eu nunca o fiz —, servi agora todos, imaginando que eu sou um vosso convidado, para que vos elogiemos.»

175 c

Depois disto — continuava —, foram jantar. E Sócrates, sem aparecer. Várias vezes Ágaton tentou que mandassem buscá-lo, mas ele (Aristodemo) disse que não, que o deixassem. Por fim, lá apareceu, nem tinha passado muito tempo, como era costume, o jantar estava bem a meio. Diz-lhe então Ágaton, que, por acaso, ficara sozinho reclinado¹³ no lugar da ponta:

— «Vem para aqui, Sócrates, estende-te ao pé de mim, para me contagiar do teu saber, aproveitarei, ao pé de ti, do que aprendeste à porta do vizinho, pois é evidente que descobriste alguma coisa e a possuis, ou não te terias retirado.»

175 d

Sócrates então sentou-se e disse-lhe:

— «Que bom seria, Ágaton, se a sabedoria fosse assim, de molde a correr do mais cheio para o mais vazio de nós, quando estamos em contacto uns com os outros, tal nas taças a água, como se através de um fio de lã, da mais cheia para a mais vazia. Ora, mas se realmente assim é com a sabedoria, muito honrado ficarei ao teu lado, pois acho que hei-de transbordar da tanta e bela sabedoria que vem de ti. É que realmente a minha é mais humilde e contestável, como se fosse sonho; a tua, porém, é esplêndida, tem o dom de se multiplicar — como quando tanto irradiou, eras tu jovem, assim ainda anteontem resplandeceu perante trinta mil helenos.»

175 e

— «És um exagerado, Sócrates» — dizia Ágaton. «Daqui a pouco, para o fim do jantar, ajuizaremos, tu e eu, sobre a sabedoria, servindo-nos do tribunal de Dioniso¹⁴. Mas agora, atenta primeiro no jantar.»

Sócrates estendeu-se, em seguida, no seu leito e jantou com todos os outros. Depois disto, fizeram libações em

176 a

AGRADECIMENTOS

Para este livro, foram, por diferentes razões, muito importantes as pessoas que se seguem e a quem muito agradeço:

Frederico Lourenço

Graciete Caldeira

José Pacheco Pereira

Júlio Sequeira

Maria Henriqueta Viana

Mariana Viana Gonçalves

Rita Maltez



O BANQUETE

foi composto em caracteres Hoefler Text
e Graeca, e impresso na Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 90 g/m²,
no mês de Julho de 2019.